

Francisca Noelia Lemos de Sousa



Centro Universitário Maurício de
Nassau (UNINASSAU)

sousa133@hotmail.com

Rita Andreia Marques Viana



Centro Universitário Maurício de
Nassau (UNINASSAU)

safiralanaylaelmarcos@gmail.com

**Dra. Cybelle Facanha Barreto
Medeiros Linard**



Centro Universitário Maurício de
Nassau (UNINASSAU)

cybellelinard@yahoo.com.br

Submetido em: 29/03/2022

Aceito em: 09/05/2022

Publicado em: 22/06/2022



10.25190/rec.v11i1.11

O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

RESUMO

As crianças com Síndrome de Down lutam atualmente pela inclusão escolar que é um processo que tem como propósito inserir essas crianças no meio social. Essa pesquisa objetivou-se, caracterizar o meio de inclusão escolar no desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down. Trata-se de um estudo bibliográfico, transversal, utilizou-se na pesquisa o banco de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a base de dados: Scientific Electronic Library Online (Scielo). Foram utilizados os seguintes descritores: síndrome de Down, medicamentos, inclusão escolar. A pesquisa foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2021, tendo como critérios de inclusão: estudos realizados no período de 2016 a 2018, limitando-se aos artigos com textos completos, *open access*, publicados no idioma português. Foram encontradas 234 publicações: BVS (225), Scielo (9). Conforme os resultados a inclusão escolar dependem da participação ativa dos pais, da escola. Sendo importante apoiar essas crianças com deficiência e incentivá-los através das propostas pedagógicas a desenvolver novas habilidades no âmbito escolar além de conter relações com os outros alunos. Os critérios de exclusão foram: artigos que fujam do tema abordado, cartas ao editor e editoriais. Pode-se concluir que, por mais que precise se avançar muito neste assunto, é possível perceber que as escolas já veem essa inclusão como uma forma de colocar essas crianças junto as outras e assim trabalhar as diversidades.

Palavras-chave: Trissomia 21. Inclusão Escolar. Síndrome de Down. Uso de Medicamentos.

THE PROCESS OF INCLUSIVE EDUCATION IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

ABSTRACT

Children with Down Syndrome are currently fighting for inclusive education, which is a process that aims to insert these children into the social environment. This research aimed to characterize the means of inclusive education in the development of children with Down Syndrome. This is a bibliographic, cross-sectional study, using the databases: Virtual Health Library (VHL) and Scientific Electronic Library Online (Scielo). The following keywords were used: Down syndrome, medicines, inclusive education. The research was carried out between September and October 2021, having as inclusion criteria: studies carried out in the period from 2016 to 2018, limited to papers with full texts, open access, published in Portuguese. 234 publications were found: VHL (225), Scielo (9). According to the results, inclusive education depends on the active participation of parents and school. It is important to support these children with disabilities and encourage them through pedagogical proposals to develop new skills in the school environment, in addition to having relationships with other students. The exclusion criteria were papers that do not discuss the topic, letters to the editor and editorials. It can be concluded that, however progress needs to be made in this matter, it is possible to see that schools analyze this inclusion as a way of putting these children together and thus working on diversities.

Keywords: Disability. Trisomy 21. Inclusive education. Down syndrome. Medicines.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas mostram que a Síndrome de Down (SD) é conhecida como trissomia 21 uma anomalia genética. Caracteriza-se por um conjunto de alterações que acontecem no cromossomo 21 que muda a formação de diversos órgãos desde o começo da formação do feto, o que conseqüentemente apresenta anormalidades e características muito parecidas e comuns em pessoas com a síndrome, que leva a algumas características marcantes e recorrentes a todos as pessoas com síndrome de Down como por exemplo, retardo mental, boca pequena, olhos puxados, cabeça arredondada (PAIVA *et al.*, 2014).

Se define como um conjunto de malformações originadas no cromossomo 21 que muda a formação de diversos órgãos que vai desde o começo da formação do feto, o que decorrentemente estabelece aparência de anomalias e características muito parecidas e recorrentes em indivíduos com a Síndrome de Down (PAIVA *et al.*, 2014, p. 3).

Esta síndrome está relacionada a inúmeras complicações e normas sanitárias que pedem cuidados de uma equipe multidisciplinar e o apoio especial. Algumas condições são: a cardiopatia congênita encontra-se presente no nascimento, a epilepsia, problemas de visão e intestinais que podem surgir ao longo do tempo, dentre outras (MANDAL, 2019).

Conforme os autores Paiva *et al.* (2014), Síndrome de Down se classifica em quatro tipos, sendo eles:

- **Translocação Robertsoniana:** O paciente que possui a translocação robertsoniana que envolvem a estrutura formada por DNA tem somente 45 cromossomos, o cromossomo 14 e o outro é o 21 são perdidos e modificados pelo cromossomo translocado.
- **Translocação 21q21q:** O cromossomo com translocação 21q21q é um cromossomo que contém dois braços longos do cromossomo 21; onde é encontrado em uma pequena parcela de pacientes síndrome de Down.
- **Síndrome de Down Mosaico:** apresenta 2% das pessoas com síndrome de Down são mosaicos, na maioria das vezes com um cariótipo formado por uma população de células normais ou com trissomia 21.
- **Trissomia do 21 Parcial:** Estes pacientes são de particular interesse, pois os mesmos conseguem apresentar qual local do cromossomo 21 é certamente responsável por partes específicas do fenótipo da síndrome de Down e quais locais podem ser duplicados sem causar aquele aspecto dos fenótipos.

É importante destacar que podem apresentar problemas físicos, sendo eles: defeitos cardíacos e renais e perda de audição e visão. Muito dos problemas médicos relacionados à síndrome tem tratamento, de forma que mais de 70% das pessoas atingidas vivem mais de 30 anos (OSÓRIO, 2001).

O indivíduo com SD precisa de atendimento especial e de cuidados clínicos, o que torna de grande importância o trabalho de uma equipe multiprofissional para promover um bem-estar ao paciente. Para viabilizar a inserção do indivíduo Down é preciso preparar não somente o paciente, mas também a sociedade. Saber o perfil e identificar as principais classes terapêuticas medicamentosas que caso venham a se fazer necessárias a utilização, para que se possa proporcionar uma farmacoterapia racional utilizada por esse grupo de pacientes (BARROS; RODRIGUES, 2013).

Conforme a ciência a principal classe terapêutica prescrita e usada pela população Down são preparação hormonal sistêmica. O medicamento mais citado e os intervalos de administração no que diz respeito à população Down é o Puran T4 25mg em comprimido (FIGUEIREDO; FIGUEIRA; NASCIMENTO, 2012).

A farmacoterapia para indivíduos com SD deve acompanhar os princípios do uso racional de medicamentos. Em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (OMS), estes pacientes devem receber os medicamentos adequados às suas necessidades clínicas na dose correta, por um período correto e um custo acessível.

Evidentemente, procura-se prevenir a utilização de medicamentos com índice terapêutico baixo assim como aqueles com meia-vida longa ou metabolização complexa (VILAS BOAS, 2009).

A criança com SD pode vir a encontrar-se em desvantagem em diversos pontos, quando se comparada a outras crianças sem essa síndrome. Entretanto muitas têm mostrado avanços e vencido muitos obstáculos e preconceito, que, mesmo assim, ainda é visto. Com base nisto, a melhor maneira de vencer as barreiras é através da informação e da inclusão da criança com Síndrome de Down na família, na escola, no mercado de trabalho e na comunidade (LIMA, 2016).

A importância da pesquisa, gira em torno de tomar conhecimento da inclusão das pessoas com SD nas escolas, com ênfase na presença dessas pessoas na sociedade, tendo acesso igualitário. Portanto, este estudo torna-se relevante pelo fato de repassar para eles e suas famílias como minimizar e gerar uma

resolutividade nas situações que essa síndrome gera no decorrer do processo de tratamento, pois é um paciente especial que precisa de cuidados complexos além da ajuda permanente dos profissionais de saúde e dos seus cuidadores.

Através destas necessidades e preocupações, surgiu a seguinte problemática: De que maneira os profissionais da área da educação podem contribuir no desenvolvimento e inclusão das crianças com Síndrome de Down na escola?

Essa pesquisa teve como objetivo, caracterizar a atuação da inclusão escolar no desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down com direito de estudar e interagir junto com as outras crianças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Síndrome de Down: Aspectos Históricos e Biológicos

A "alteração genética mais comum entre os seres humanos" caracteriza a Síndrome de Down (BOTÃO *et al.*, 2013, p. 2375).

O Dia Mundial da SD é comemorado em 21 de março. A escolha da data deve-se ao fato que a maior parte dos casos avaliados exibem 3 cópias do cromossomo 21 (QUEIROZ, 2019).

A Síndrome de Down tem a condição genética que envolve o cromossomo 21 e pode acontecer de 3 distintas formas: trissomia livre, translocação e mosaïcismo. A trissomia livre está comum, pois acontece entre 95% das ocorrências são referentes a triplicação do cromossomo 21 devido à não disjunção cromossômica (BORGES-OSÓRIO; ROBINSON, 2013; TEMPSKI *et al.*, 2011).

Conforme o site "gente", é na SD que acontece de três formas, sendo elas:

- **Trissomia simples ou padrão:** porém comum encontrar - acontece em cerca de 95% dos casos de SD, em que um cromossomo a mais se junta ao par 21 e a causa é a não disjunção cromossômica.
- **Translocação:** ocorre em cerca de 3% dos casos, uma grande parte do cromossomo 21 extra se une a outros cromossomos, único caso em que pode ter uma associação genética que pode ter sido herdada de um dos pais. Mesmo quando a pessoa possui 46 cromossomos, ele é uma pessoa com SD.
- **Mosaïcismo:** os casos de mosaïcismo podem se originar da não disjunção mitótica nas primeiras divisões de um zigoto normal, comprometendo apenas partes das células, ou seja, algumas células têm 47 cromossomos e outras 46. Ocorre em cerca de 2% dos casos de SD.

Contém características fenotípicas particulares as pessoas com SD, como baixa estatura, poucos pelos, pescoço largo e curto, mãos largas e curtas, nariz pequeno, língua protusa e hipotônica, articulação frouxa e hipotonia muscular, pouco movimento da articulação atlantoaxial, problemas oculares, anomalias dentárias, grande espaço entre o hálux e o 2º dedo, sinófris, uma única linha que corre pela palma da mão e pés planos. Além disso, apresentam insuficiência física, podem exibir cardiopatia congênita, complicações de audição e visão, distúrbios da tireoide, complicações neurológicas e obesidade (BORGES-OSÓRIO; ROBINSON, 2013; TEMPSKI *et al.*, 2011).

A análise do reconhecimento da pessoa com Síndrome de Down é baseado no fenótipo (diagnóstico clínico) associado ao cariótipo (diagnóstico laboratorial). Logo ao nascimento, observam-se as características peculiares na pessoa com SD, no entanto o diagnóstico preciso é executado apenas através do exame cariótipo, que é a representação dos cromossomos das células (SILVA; MARQUI, 2020).

Segundo o MOVIMENTO DOWN (2014, p. 19), não importa o "tipo de SD da pessoa, os efeitos do material genético extra variam enormemente de um indivíduo para outro. A pessoa terá suas próprias potencialidades, talentos, gostos, personalidade e comportamento".

A fim de saber o perfil das crianças com Síndrome de Down, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é fundamental, uma vez que permitirá a elaboração de cuidados à saúde visando aumentar suas condições para o bem-estar global do indivíduo. A coordenação dos dados referentes à SD possibilita conhecer melhores os indivíduos e, dessa maneira, traçar novas técnicas de atendimento ou por isso apurar as já existentes, com a finalidade de aumentar a assistência prestada (SILVA; MARQUI, 2021).

2.2 Inclusão Escolar das crianças com SD e o Atendimento Educacional

Em conformidade com a constituição Federal de 1988, a educação inclusiva no Brasil fala que, as crianças com necessidades educacionais no ensino regular, tenham uma educação de qualidade a qual venha assegurar o direito à igualdade a todos (BRASIL, 2007).

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no art 4º, destacam que a educação especial precisa ter um atendimento especial gratuito aos educandos com necessidades especiais com preferência na rede regular de ensino, pois o ensino fundamental, no qual o intervalo de idades vai dos 7 aos 14, é considerado ensino obrigatório pela LDBNE, no art 6º (MARTINS, 2002).

Rosa et al. (2008) falam que o atendimento educacional especializado tem que ser ofertado no interior das escolas comuns e pode, também, ser feito fora da rede regular de ensino, em locais, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Através de pesquisas Smeha e Seminotti (2008), cujo função principal foi tomar conhecimento acerca das relações interpessoais proposta entre alunos com SD e os demais colegas de classe mostraram que os movimentos de aproximação e rejeição dos pirralhos e a construção de subgrupos sofrem influência pelo discurso do professor que expõe ao grupo o comportamento correto. As crianças reagem à estranheza, ficando distante do colega diferente, independentemente do diagnóstico de deficiência, mais obviamente nas situações em que não há participação do professor.

Alunos com SD, que são considerados público-alvo da educação especial, saem, cada vez mais, das escolas de educação especial e vão para as escolas de ensino regular. Por fazerem parte desse grupo de indivíduos, evidencia direito ao atendimento educacional especializado, que precisa ser oferecido preferencialmente em tais espaços (QUEIROZ, 2019).

A bastante tempo acreditou-se que esses indivíduos eram incapazes de aprender e, dessa forma, eram excluídas das escolas. Nos dias de hoje, mesmo com tantas informações sobre a Síndrome de Down, o preconceito também há, é possível que essa seja a maior dificuldade para a introdução de alunos com SD (BASSANI, 2012).

Por não ter havido formação adequada e experiência suficientes relacionadas à atuação na pedagogia inclusiva, vários professores das escolas regulares evidencia pavor de serem responsáveis pelo insucesso da experiência desses alunos. Com isto preferem encaminhá-los às escolas especiais, ou tratá-los como indivíduos incapazes de aprender (SILVA, 2011).

A introdução colegial também é uma coisa duelista, uma vez que requer consideração, preparo de todos os envolvidos e várias mudanças. Dentre aquelas que precisam acontecer para que a escola se torne um local inclusivo, vale realçar: reformas no local físico, projeto político pedagógico, comunicação da família, recursos pedagógicos e procedimentos de avaliação coerentes, corpo de professor qualificado, dentre mais (SILVA, 2009). O trabalho de toda a equipe colegial precisa avaliar os impedimentos consecutivos dá SD como uma dificuldade a ser enfrentada. As dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down

Estudos têm demonstrado que as dificuldades de aprendizagem são um obstáculo que faz com que as crianças não aprendam, não realizem funções, e não compreendam as tarefas. Embora os danos nos nervos afetem todas as áreas da função cerebral, as atividades que mais comumente causam dificuldades de aprendizagem são aquelas que afetam a audição, a visão, a fala (linguagem), a leitura, a escrita, as habilidades motoras e o raciocínio matemático (BASSANI, 2012, p. 7). “[...] o termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico” (SMITH; STRICK, 2001, p. 15).

A linguagem falada é considerada uma das primeiras formas de socialização humana. Devido ao atraso no desenvolvimento global, é difícil para as pessoas com Síndrome de Down compreenderem a língua, o que é considerado um problema para a família do menino ou menina e para o professor. Normalmente, essa dificuldade começa com a expressão verbal. As crianças compreenderão e expressarão melhor suas ideias. Como resultado, esse processo interfere na leitura e na escrita das crianças durante a escola (BASSANI, 2012, p. 8).

Por muito tempo, acreditou-se que as pessoas com síndrome de Down não conseguiam desenvolver habilidades cognitivas. Essa crença persistiu porque ela foi considerada inferior e doente devido às dificuldades de linguagem, autonomia e habilidades motoras e interação social Apesar das extensas informações sobre a síndrome de Down, o conceito e o nome ainda existem hoje. No entanto, pesquisas mostram que uma pessoa com síndrome de Down pode se tornar uma pessoa observadora. No entanto, seu processo de

desenvolvimento é um pouco mais lento, pois sofrem danos neurológicos, o que atrapalha seu aprendizado (OLIVEIRA, 2007).

3 METODOLOGIA

Dentre as possibilidades de análise de publicações, a revisão bibliográfica do tipo integrativa foi à escolhida pra obra deste trabalho. A Pesquisa Bibliográfica é realizada com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008).

A revisão integrativa é um tipo de pesquisa que autoriza a síntese de diversos estudos publicados e promove conclusões gerais acerca de uma área individual de estudo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Foram consultadas um banco de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e uma base de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), sendo utilizadas diferentes estratégias de busca com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os descritores utilizados foram: Síndrome de Down, medicamentos, inclusão escolar; na equação: "Síndrome de Down" AND "medicamentos" AND "inclusão escolar". A coleta foi realizada em outubro de 2021.

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados em língua portuguesa, relacionados com Síndrome de Down e inclusão escolar, com recorte dos anos 2016 e 2018 disponíveis para acesso na íntegra.

Os critérios de exclusão foram: artigos que fujam do tema abordado, cartas ao editor e editoriais.

Para apresentar a categorização dos estudos selecionados, foi utilizado um quadro sinóptico com a descrição dos aspectos dos artigos, sendo elas: nome dos autores e ano, o título do estudo, os objetivos, o método e os principais resultados.

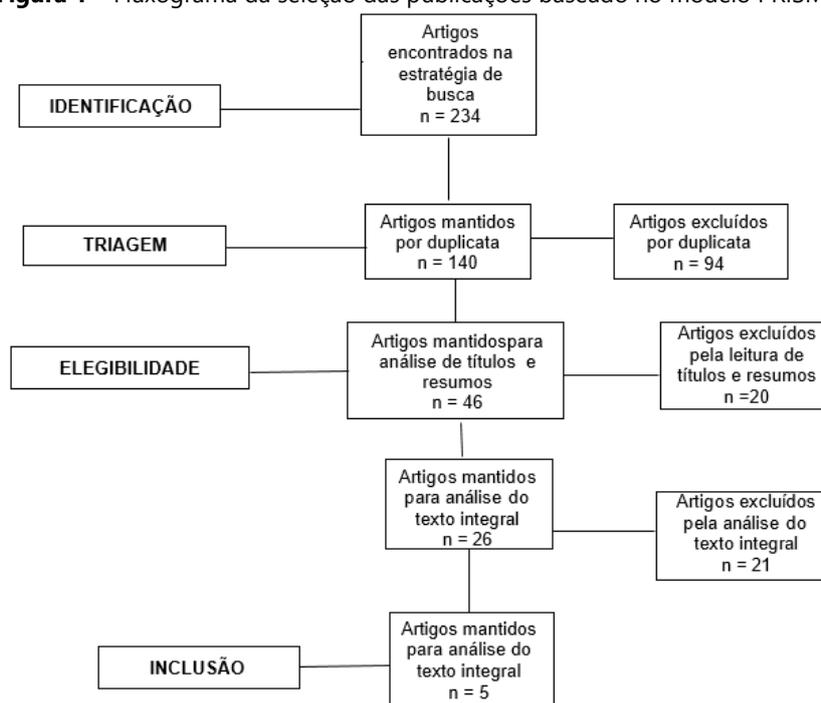
A avaliação dos estudos, a interpretação dos resultados e a apresentação da revisão foram realizadas após leitura na íntegra dos periódicos e acréscimos dos temas que convergem com o assunto em discussão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 234 publicações no total, sendo: 225 na base de dados BVS e 9 no Scielo. Não foram encontrados estudos de dissertações e teses na CAPES e BDTD. A realização da busca se deu entre os meses de setembro e outubro de 2021. O fluxograma da Figura 1 mostra as etapas de seleção dos artigos que foram selecionados para o estudo.

A amostra final, após seleção, conforme os critérios de inclusão e exclusão, contou com um total de 5 artigos e para um melhor conhecimento foi confeccionado um quadro (Quadro 1) com as principais informações desses estudos, dentre elas: título, autores, ano, objetivo, método e resultados.

Figura 1 – Fluxograma da seleção das publicações baseado no modelo PRISMA.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Quadro 1 – Caracterização dos Estudos

Nº	Título	Autores e Ano	Objetivo	Método	Resultados
01	SÍNDROME DE DOWN: estudo de caso de uma aluna do ensino fundamental da Escola César Almeida, Distrito de Moraes Almeida/Itaituba-PA	PORTO, K.C.O. (2018)	Analisar o estudo de caso de uma aluna com Síndrome de Down, bem como a sua aprendizagem no Ensino Fundamental de 9 anos, levantando a análise na Escola César Almeida, no Distrito de Moraes Almeida/Itaituba-PA.	Pesquisa Qualitativa	Percebe-se que os desafios são grandes quanto ao ensino aprendizagem daqueles que possuem necessidades especiais, muitas das vezes, os profissionais não sabem como lidar com esta situação e acabam pedindo ajuda para aqueles mais preparados a enfrentar este problema, ou seja, profissional este que trabalha na sala de recurso multifuncional, pois é ele o grande suporte do professor do ensino comum, pois, além de se preocupar com a formação do aluno para a sociedade, seu trabalho tem que ser coletivamente com outros profissionais dentro da comunidade escolar.
02	Inclusão de alunos com Síndrome de Down: percepção dos professores	SPINELLI, M.F.N. ARAÚJO, E.J.M. (2017)	Investigar o processo de inclusão de crianças com síndrome de Down na escolar regular de João Pessoa pública e privada, a fim de analisar as condições para o desenvolvimento das aprendizagens.	Pesquisa Analítica	No presente trabalho ficam evidenciados aspectos desafiadores desta inclusão e sua relação com a literatura pesquisada. Percebe-se a necessidade de uma melhor interação entre a saúde e a educação no que tange às adequações necessárias para que o processo de ensino-aprendizagem das pessoas com a síndrome de Down se dê de forma estruturada em que se pode destacar as potencialidades dos sujeitos.
03	A inclusão da pessoa com Síndrome de Down na sociedade e no âmbito escolar	SOUZA, J.E.S. ALVES, M.L.T. (2016)	Compreender como se dá a inclusão dos alunos com síndrome de Down no âmbito escolar e na sociedade bem com sua aceitação ou não pelo grupo ao qual é inserido.	Pesquisa de Campo	Os resultados demonstraram que, as pessoas com síndrome de Down têm muito mais em comum com o resto da população do que diferenças. O mais importante é descobrir que está criança pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançará com crescentes níveis de realização e autonomia.
04	Síndrome de Down e desenvolvimento cognitivo na escola regular de ensino	LIMA, L.C. (2016)	Expor um trabalho investigativo motivado pelas vivências nos estágios supervisionados durante o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.	Pesquisa Qualitativa	Os resultados do trabalho investigativo mostram o quanto é importante a intervenção e a estimulação da criança desde cedo, por parte da família, da escola e de todos que interagem com ela, visto que existe essa necessidade (como em todos os alunos) para o desenvolvimento cognitivo.
05	A inclusão de crianças com síndrome Down na E.I	BERMUDES, K.R.B et al. (2018)	Apresentar a Síndrome de Down e os seus aspectos fenotípicos e genotípicos.	Pesquisa Qualitativa	Como resultado dessa pesquisa é importante ressaltar que o processo de inclusão do sujeito com Síndrome de Down ocorre por meio de adaptação de atividades, práticas pedagógicas diferenciadas, planejamento e adaptação do currículo.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O artigo 1 fala acerca de um estudo de caso feito com uma aluna de uma escola situada no Pará, e diante dos resultados encontrados se viu que a mesma encontra desafios no que concerne a aprendizagem, no que diz respeito aos profissionais não saberem lidar com as suas principais necessidades.

O professor é principal mediador na vida do aluno, principalmente para aqueles que tem necessidades especiais. Para que a educação seja produtiva e efetiva para as crianças com Síndrome de Down, a escola precisa ter professores que sejam capacitados para lidar com essa situação. A comunicação entre o professor e a família do aluno tem que existir, com essa parceria, ambos conseguem chegar na direção do sucesso quanto à aprendizagem desta criança (PORTO, 2018).

Rosa *et al.* (2008) relatam que o atendimento educacional especializado precisa ser ofertado no interior das escolas comuns e pode, também, ser feito fora da rede regular de ensino, em locais, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Os dados apresentados no artigo 2 (SPINELLI; ARAÚJO, 2017), discorrem acerca das principais necessidades e particularidades desses indivíduos para assim poder se adequar e promover uma educação mais inclusiva, ou seja, precisa-se haver uma relação entre escola e família.

Conforme Mantoan (2003), para que a inclusão suceda realmente, a escola deve levar em consideração que o período de formação de uma competência pode diferenciar-se de aluno para aluno e que seu progresso é visto através da execução do seu aprendizado, seja este recente ou obtido antes.

Assim Souza e colaboradores (2016) citam no artigo 3: "é possível a pessoas com SD se desenvolver na sociedade e na escola", ele tem a capacidade de crescer e se aperfeiçoar a cada dia para colocar em prática aquela ação que parecia impossível.

A inclusão escolar necessita de um comprometimento coletivo para se realizar nos diversos aspectos sociais. Direção, professores, melhor princípios e práticas que possam dar chance em torno de uma proposta interdisciplinar, em situações escolares. É relevante destacar que a interdisciplinaridade, baseia-se na relação das pessoas (SOUZA; ALVES, 2016).

Lima (2016), no artigo 4), discute a respeito da importância do incentivo e estímulo por parte das famílias das pessoas com SD para que assim haja uma interação e se tenha o desenvolvimento cognitivo satisfatório desse indivíduo.

O desenvolvimento cognitivo vai também se realizando de maneira diferenciada, sendo que a aquisição lenta de uma habilidade compromete a aquisição de outras que dependem dela (NOGUEIRA, 2008).

Os dados apresentados no artigo 5 (BERMUDES; PENHA, 2018) trazem que a inclusão da pessoa com SD na educação infantil é realizada com todo um planejamento e aperfeiçoamento de ações pedagógicas com apoio dos professores.

Pereira *et al.* (2016) dizem que o papel do professor é decisivo para que se tenha a real aprendizagem e desenvolvimento das crianças com síndrome de Down e destaca que a falta desses conhecimentos limita essas crianças de obter seus direitos, que são assegurados por lei.

Incluir significa possibilitar e habilitar essas crianças a fazerem todas as suas potencialidades, reduzindo as desvantagens que advém de suas dificuldades, de sua deficiência, incluir significa olhar para o indivíduo e não para sua deficiência. Quando alguém tem deficiência mostra e propicia valores, a todos nós, que fazem a sociedade mais digna de se chamar humana (RODRIGUES, 2008).

Portanto, esse estudo teve como objeto principal trazer uma discussão acerca do processo de inclusão escolar das crianças com Síndrome de Down. Pode-se ver que não depende somente da escola, mas também dos pais ou responsáveis. É necessário estabelecer uma relação satisfatória entre escola e família para, assim, trabalhar juntos para o bem de seu filho com Síndrome de Down na escola para se relacionar com as outras crianças. Se faz importante também destacar o quanto é relevante que seja levado em consideração as principais necessidades e diferenças desse público, abolindo qualquer tipo de preconceito e colocando em prática ações que venha a favorecer esses indivíduos.

No percurso da execução deste estudo, entretanto, percebeu-se algumas limitações quanto à busca de artigos. A falta de estudos sobre inclusão escolar das crianças com Down publicados recentemente, possibilitou que apenas seis artigos dentro do escopo de busca fossem considerados para análise. Visto que as necessidades que essas pessoas carregam impactam na condição para o bem estar global do indivíduo, é notável a urgência de incentivar mais pesquisas sobre o assunto.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como intuito principal realizar uma revisão de estudos que trouxessem como se dá a ação continuada da inclusão escolar das crianças que tem Síndrome de Down, partindo da visão de inúmeros

autores. Viu-se que a inclusão está voltada para a importância de se levar em consideração que esses indivíduos têm capacidade para realizar inúmeras atividades, mas é necessária toda uma rede de apoio que envolve os pais, escola e profissionais da saúde. O desenvolvimento físico e psicomotor destas crianças com Síndrome de Down depende da inclusão na sociedade sem olhar suas diferenças.

Outra questão que também foi levantada ao longo da pesquisa foi as principais complicações que essa criança com Síndrome de Down pode vir a ter com o passar do tempo e se a medicação utilizada está correta para tratar as suas disfunções.

Espera-se que esse estudo auxilie de alguma forma que as crianças com síndrome de Down cada vez mais se insiram no âmbito escolar e que os profissionais que trabalham nas instituições escolares venha a acolher essas pessoas, para que eles não se sintam indiferentes dos outros alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, C. da S. A Síndrome de Down e as Dificuldades de Aprendizagem. **Anhanguera Educacional**, Taboão da Serra, p. 1-18, 2012. Disponível em: <http://www.pixfolio.com.br/arq/1401280042.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BARROS, L. G.; RODRIGUES, A. J. L. Perfil socioeconômico e farmacopatológico do indivíduo com Síndrome de Down*. **Estudos**, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 187-197, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2721/1662>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 40. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 2007. (Coleção Saraiva de legislação).
- BERMUDES, K. R. B.; PENHA, M. J. **A inclusão de crianças com síndrome de Down na educação infantil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Multivix, Cariacica, 2018.
- BORGES-OSÓRIO, M. R.; ROBINSON, W. M. Genética humana. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BOTÃO, R. B. de S. *et al.* Busca e adesão a tratamento: aspectos sociodemográficos e biológicos dos usuários com Síndrome de Down de um serviço de aconselhamento genético. Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 8., 2013, Londrina. **Anais [...]** Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2013.
- FIGUEIREDO, A. E. C.; FIGUEIRAS, A. C. M.; NASCIMENTO, A. Síndrome de Down: aspectos citogenéticos, clínicos e epidemiológicos. **Rev. para Med.**; v. 26, n. 3, jul./set. 2012. Disponível em: <files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2012/v26n3/a3314.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIMA, L. C. **Síndrome de Down e desenvolvimento cognitivo na escola regular de ensino**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/41775/3/S%c3%adndromeDeDownDesenvolvimentoCognitivo_Artigo_2016.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.
- MANDAL, A. Complicações de Síndrome de Down. **News Medical**, 2019. Disponível em: <https://www.news-medical.net/health/Down-Syndrome-Complications.aspx>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- MARTINS, V. **A lei da Educação Nacional**. 2002. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/v5esve>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- MANTOAN, M. T. É. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 17, p. 758-64, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- NOGUEIRA, N. **Pedagogia de Projetos**. Etapas, papéis e atores. 4. ed. São Paulo: Érica, 2008.
- OLIVEIRA, M. L. M. Da filiação à inclusão: Uma articulação entre psicanálise e educação. *In*: Moura, E. P. G. de (org.). **Educação, cultura e trabalho**. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.
- OSÓRIO, M. R. B.; ROBINSON, W. M. **Genética Humana**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PAIVA, C. F. *et al.* **Síndrome de down**: etiologia, características e impactos na família. Faculdade São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.educaretransformar.net.br/wp-content/uploads/2017/03/S%C3%8DNDROME-DE-DOWN-E-ETIOLOGIA.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- PEREIRA, D. C. M. *et al.* **Escola e Síndrome de Down**: práticas que promovem aprendizagem e inclusão. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc11.pdf>. Acesso: 26 out. 2021.
- PORTO, K. C. O. **Síndrome de down**: estudo de caso de uma aluna do ensino fundamental da Escola César Almeida, Distrito de Moraes Almeida/Itaituba-PA. Centro de Estudos Superiores, Itaituba, 2018. Disponível em: <http://www.faculadedeitaituba.com.br/pdf.php?id=58&f=TCC%20FINAL%20KELEY.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- QUEIROZ, V. M. **Qualidade Espacial para Pessoas com Deficiência Intelectual**: Investigando modos de obter a opinião de crianças pequenas com Síndrome de Down. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-23072019-143737/publico/TEVIRGINIAMAGLIANOQUEIROZ_REV.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.
- RODRIGUES, A. C. **A importância da representação dos irmãos perante a criança com espectro do autismo**. 2008. Tese de doutorado não publicada. Universidade de Málaga, Espanha, 2008.
- ROSA, F. M. *et al.* A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 3, p. 497-508, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/7MT8XR7d83GG4zZyBjVn7ns/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- SMEHA, L. N.; SEMINOTTI, N. Inclusão e síndrome de Down: um estudo das relações interpessoais entre colegas de escola. **Psicol. Argum.**, v. 26, n. 52, p. 73-83, jan./mar. 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/22235>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- SILVA, M.H. **O educando com síndrome de down**: um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- SILVA, E. O. da. **Síndrome de Down**: o olhar da família e da professora na educação inclusiva. 2011. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
- SILVA, M.; MARQUI, A. B. T. Síndrome de Down: caracterização dos pacientes, seus cuidadores e percepção dos pais. **Multitemas**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 59, p. 27-50, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/2677>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SOUZA, J. E. S.; ALVES, M. L. T. **A inclusão da pessoa com Síndrome de Down na sociedade e no âmbito escolar**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4338/1/JESS09062017.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

SPINELLI, M. F. N.; ARAÚJO, E. J. M. Inclusão de alunos com Síndrome de Down: percepção dos professores. **Caderno de Resumos do COIPESU**, João Pessoa, v.3, p. 19, set. 2017. Disponível em:

<https://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2017/18/inclusao-de-alunos-com-sindrome-de-down-percepcao-dos-professores.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

TEMPSKI, P. Z. *et al.* Protocolo de cuidado à saúde da pessoa com Síndrome de Down - IMREA/HCFMUSP. **Revista Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 175-86, 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/103661>. Acesso em: 25 out. 2021.

TRÊS vivas para o bebê!: Guia para mães e pais de crianças com síndrome de Down. 1. ed. Atualiz. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e Movimento de Ação e Inovação Social, 2014. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/rededeativadores/wp-content/uploads/2014/10/TR%C3%8AS-VIVAS-PARA-O-BEB%C3%8A-2014.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

VILAS BOAS, L. T.; ALBERNAZ, E. P.; COSTA, R. G. Prevalência de cardiopatias congênitas em portadores da síndrome de Down na cidade de Pelotas (RS). **Jor. Ped.**, Porto Alegre, v. 85, n. 5, out. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jped/a/4tg8YVb3xBkscGR4ZVJQYjp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.